

Notação e textualização: discussão metodológica sobre a análise das práticas sociais

Notation and textualization: methodological discussion on the analysis of social practices

Leticia Moraes¹

Resumo: Neste trabalho, abordaremos a questão das práticas sociais a partir de uma visada metodológica, pondo em questão o uso da notação como uma ferramenta para a abordagem dos objetos não estabilizados em um suporte estável. O conceito de práticas sociais como objeto semiótico tem sido difundido, nas últimas décadas, na disciplina, graças às pesquisas realizadas por Fontanille (2008a; 2011), Basso Fossali (2006), Basso Fossali e Dondero (2007), Violi (2008), dentre outros semioticistas. Propomos, em nossa discussão, uma leitura crítica do trabalho de Dondero (2014; 2015; 2017), que apresenta a notação como um recurso não pertencente à textualização. Nossa proposta, ao contrário, coloca em relevo a notação como um dos tipos possíveis de textualização, permitindo-nos conjecturar as práticas no âmbito da instância textual. A presente investigação tem como objetivo dar continuidade à discussão acerca dos limites e expansões do objeto da semiótica, considerando, portanto, o texto, em seu sentido mais amplo, como sinônimo de objeto semiótico.

Palavras-chave: textualização; Práticas; Metodologia; Notação; Semiótica.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral – USP. ORCID ID: 0000-0002-4642-5974.

Abstract: *In this work, we will approach the issue of social practices from a methodological point of view, calling into question the use of notation as a tool for approaching unstabilized objects on a stable support. The concept of social practices as a semiotic object has been disseminated in the last decades in the discipline, thanks to research carried out by Fontanille (2008a; 2011), Basso Fossali (2006), Basso Fossali and Dondero (2007), Violli (2008), among others semioticians. We therefore propose a critical reading of the work of Dondero (2014; 2015; 2017), which presents the notation as a resource that does not belong to textualization. Our proposal, on the contrary, highlights notation as one of the possible types of textualization, allowing us to conjecture the practices within the scope of the textual instance. The present investigation aims to continue the discussion about the limits and expansions of the semiotic, considering, therefore, the text, in its broadest sense, as a synonym for semiotic object.*

Key words: *Textualization; Practices; Methodology; Notation; Semiotics.*

Introdução

Entre os anos 2004 e 2006, o *Séminaire Intersémiotique de Paris*, realizado na *IV Sorbonne*, intitulado *Pratiques sémiotiques*, foi dedicado ao estudo da relação entre texto e prática. O conceito de práticas tem sido difundido no âmbito da semiótica, nas últimas décadas, graças às pesquisas realizadas por Fontanille (2008; 2011), Basso Fossali (2006), Basso Fossali & Dondero (2007), Violli (2008), dentre outros semioticistas.

Se aceitarmos a definição de práticas enquanto cursos de ações abertos e flutuantes (FONTANILLE, 2008), ou seja, como objetos não fechados, não estabilizados em um suporte durável e não “arquivados”, devemos, então, refletir em que medida a semiótica greimasiana, que tem a sua metodologia de análise alicerçada no princípio da textualidade, pode considerar como objeto legítimo as práticas. Tendo isso em vista, a presente investigação pretende fomentar algumas reflexões sobre as relações estabelecidas entre as práticas e a textualização, objetivando compreender de que maneiras as práticas podem ser lidas como objetos de uma semiótica textual.

As práticas e os objetos semióticos não (ou menos) estabilizados

Na semiótica, Jean-Marie Floch (1990) foi um dos primeiros pesquisadores a fazer uma análise das práticas, ao investigar o comportamento dos passageiros do metrô parisiense. Sabe-se que a disciplina durante muito

tempo lidou com objetos estabilizados nos suportes, como a pintura, o filme, o texto literário etc., mas, nos últimos anos, vê-se impelida a compreender a significação em ato, as experiências, as práticas individuais e coletivas e, também, as suas regularidades em um contexto cultural específico.

Nessa direção, Fontanille (2008) propõe um percurso sustentado em planos de imanência, os quais pretendem ser, ao mesmo tempo, níveis de pertinência para a análise. Desta maneira, os planos visam, de um lado, a permitir que a análise seja contínua e, de outro, os níveis pretendem dar conta de uma semiótica com escopo mais amplo que o domínio do texto, uma semiótica da cultura, que tem como objetivo ser mais geral que uma semiótica textual.

Os planos de imanência foram concebidos em uma hierarquia composicional, cujos níveis inferiores são condição para a existência do nível seguinte; o nível superior vê-se apto a considerar como pertinentes para análise os elementos que não foram contemplados na articulação do nível inferior. A disposição atual do percurso pode ser conferida no organograma (ver Quadro 1) a seguir:

Quadro 1: Níveis de pertinência semiótica

Tipos de experiência	Instâncias formais	Interfaces
figuratividade	signos ↓	formantes recorrentes
coerência e coesão interpretativas	textos-enunciados ↓	isotopias figurativas de expressão
		dispositivo de enunciação / inscrição
corporeidade	objetos ↓	suporte formal de inscrição
		morfologia praxica
prática	cenas práticas ↓	cena predicativa
		processo de acomodação
conjuntura	estratégias ↓	gestão estratégica das práticas
		iconização dos comportamentos estratégicos
éthos e comportamento	formas de vida	estilos estratégicos

Fonte: adaptado de Fontanille (2008, p. 34, tradução nossa).

Nesse modelo, o texto é apresentado como segundo nível de pertinência (texto-enunciado). No entanto, como procuramos demonstrar em Moares (2020), acreditamos ser a noção de texto greimasiana muito mais geral e complexa, capaz de englobar os diferentes níveis de pertinência e imanência apresentados no esquema do semiótico contemporâneo; assim, texto-enunciado é um tipo de texto tanto quanto podem ser as práticas e as formas de vida. Tudo se passa como se a instauração da análise, o olhar imposto pelo semiótico, moldasse o objeto semiótico, desencadeando um percurso gerativo textual, cujo resultado será o texto-objeto da semiótica. Cabe salientar, portanto, que a presente discussão tem como princípio a conceitualização das práticas sociais como objeto de uma semiótica textual.

À vista disso, questionamo-nos, então, como as práticas podem ser, em uma perspectiva metodológica, objetos de análise do semiótico: como moldá-las em objetos semióticos? Parece-nos que a principal diferença entre um objeto textual estabilizado em um suporte e a prática reside na constatação de que a última produz a significação no instante em que é gerada, isso é, em seu próprio movimento e transformação. Dito de outro modo, as práticas são uma espécie de enunciação em ato – o próprio arranjo sintagmático da ação em andamento é o produtor da significação.

É em seu curso que a prática produz sentido; a dinamicidade é inerente à sua natureza constitutiva. Dessa maneira, uma metodologia de análise das práticas precisa considerar o seu caráter dinâmico e não arquivado. Mas como de fato analisar um objeto não arquivado? Na tentativa de responder, ainda que parcialmente, à pergunta, recuperaremos o conceito de notação.

A notação e as práticas

A notação é uma ferramenta originalmente usada na matemática para facilitar a compreensão e a visualização de um número muito grande ou muito pequeno e que apresenta uma maior complexidade em sua apresentação; ela funciona, portanto, como uma ferramenta de mediação. Trazendo para o âmbito teórico-metodológico da disciplina semiótica e adequando aos objetivos da nossa investigação, o uso da notação pode permitir uma espécie de

textualização das práticas, respeitando o princípio de imanência da semiótica greimasiana ao passo em que permite que uma dada prática possa ser analisada por um semioticista.

Isso é possível porque a notação é utilizada, fora da matemática, como uma ferramenta de tradução de gestos e movimentos, dando conta de quatro ou cinco dimensões que serão transcritas em sinais escritos no papel bidimensional; além das três mais conhecidas por nós (a largura, o comprimento e a profundidade), a quarta refere-se ao tempo e a quinta, nem sempre usada, à dinâmica. Como exemplo, pensemos nos movimentos executados em uma dança espontânea: eles são momentâneos e, se não anotados, não poderão ser repetidos com a mesma precisão *a posteriori*, pois a memória humana seria incapaz de reproduzir com exatidão todos os elementos gestuais e sensório-motores no mesmo andamento e na mesma localização espacial em que foram executados pela primeira vez pelos dançarinos.

Como a dança é uma atividade motora complexa, ela enfatiza a natureza holística do movimento; o processo da dança perpassa por uma complexa rede de interações entre os diferentes subsistemas motores, entre estes e os subsistemas perceptuais, entre o ator e o seu espaço etc. (CAMURRI *et al*, 1986, p. 85). Observe-se que, enquanto um possível objeto semiótico, a dança em si, executada espontaneamente e sem nenhum tipo de notação, tem a sua existência marcada pela efemeridade e, embora possua um plano de conteúdo e um plano da expressão, não é manifestada em um suporte suficientemente estável que permita a sua análise.

Assim, a notação da dança (ou notação do movimento) é uma tentativa de traduzir em símbolos a natureza do movimento, sem perder de vista a característica holística e a complexidade do objeto. O seu uso permite que a dança (ou o movimento) possa ser analisado de uma maneira mais global, de um ponto de vista macrotextual, sem perder, contudo, os elementos que compõem a dimensão micro. Em outras palavras, ela tem o potencial de ser utilizada como uma tradução dos movimentos, tanto das partes como das relações estabelecidas entre si e destas com o todo, dando conta, no que é possível, da complexidade de uma grandeza semiótica.

Ainda sobre seu uso, percebemos que

[...] essa capacidade de lidar com múltiplos esquemas de representação dos mesmos fenômenos provavelmente estará incorporada no “talento” e na “experiência” de grandes coreógrafos e dançarinos. No entanto, contar com esse tipo de memória só tem desvantagens óbvias, pois deixa de fora uma enorme quantidade de conhecimento que permanece indisponível para a comunidade de usuários; isso é motivação suficiente para tentar criar métodos que possam capturar os aspectos essenciais da dança de uma maneira simbólica e explícita. Na verdade, dezenas de sistemas de notação de dança foram inventados ao longo dos séculos, especialmente após o Renascimento. (CAMURRI *et al*, 1986, p.87, trad. nossa).²

Do ponto de vista histórico, os primeiros sistemas de notações da dança eram realizados manualmente; os autores lembram que cada um deles enfatizavam alguns aspectos dos movimentos em seu contexto, deixando, no entanto, outros de fora. Dentre eles, citamos o sistema de Stepanov que enfatiza os pontos de semelhança entre a música e a dança por meio do uso das “notas de movimento”. Por outro lado, quando utilizamos o sistema Laban, a preocupação recai no movimento realizado no espaço dos membros, diferente, por exemplo, do sistema Benesh, que se preocupa, sobretudo, com as extremidades do corpo. E, de maneira diversa de todos os outros, o sistema de notação do movimento Eshkol-Wachman tem como principal objetivo expressar de modo detalhado as rotações realizadas pelas articulações (CAMURRI *et al*, 1986, p.87). Posto isso, percebe-se que os diferentes sistemas de notação da dança complementam-se para que haja uma visão – mais fiel possível – da prática em curso.

Esses são alguns dos inúmeros sistemas de notação de movimentos criados para dar conta da textualização da dança enquanto prática. Citamos tais exemplos, sobretudo, para chamar a atenção ao problema imposto pelo ponto de vista do “notador”; as notações, no caso do objeto dança, podem assumir o

² *Such an ability to deal with multiple schemes of representation of the same phenomena is likely to be embodied in the “talent” and the “experience” of great choreographers and dancers. However, relying on this kind of memory only has obvious drawbacks, because it leaves out an enormous amount of knowledge that remains unavailable for the community of users; that is enough motivation to try to devise methods which can capture the essential aspects of dance in a symbolic, explicit way. In fact, tens of dance notation systems have been invented during the centuries, particularly after the Renaissance.*

ponto de vista da plateia, do sujeito dançarino ou de um telespectador que sobrevoe a cena com um olhar de cima para baixo. Em qualquer uma dessas opções, se consideradas isoladamente, pelo menos uma das dimensões é perdida e, se não observada e notada por outro ângulo, não poderá ser recuperada. Como regra geral, a complementaridade dos pontos de vistas é essencial para que a notação dê conta, ainda que condicionada a ser – sempre – parcialmente, da complexidade do objeto semiótico observado.

Para além do caso específico do objeto textual dança, consideramos a notação uma ferramenta útil para o uso metodológico de diferentes práticas sociais, especialmente a notação computacional. Com os avanços tecnológicos há, atualmente, *softwares* que auxiliam na notação da dança, são sistemas conhecidos como notação computacional; a título de exemplificação, destacamos o projeto *Capturing Intention*, desenvolvido pela companhia Emio Greco / PC e a Escola de Artes de Amsterdã, em uso desde 2004³. Esse tipo de *software* pode ser útil para muitos outros tipos de práticas semióticas, contribuindo para uma maior representação do todo, ao mesmo tempo em que permite uma gramaticalização dos gestos, da sintagmática do ato e das relações entre os sujeitos e desses com os objetos e com as configurações espaço-temporais.

A textualização e a notação semiótica

Na semiótica, Maria Giulia Dondero (2014; 2015; 2017), por vezes com a cooperação de outros pesquisadores (ANGENOT *et al*, 2013), observou o uso da notação como ferramenta que possibilita a análise de uma significação em curso. A semioticista propõe o uso da notação como uma maneira, *a posteriori*, de resolver o problema metodológico da análise das práticas na semiótica.

Desse modo, a textualização é definida como um lugar de mediação entre o texto e a prática, e tem o benefício de permitir o controle do desenvolvimento da prática, que é, por sua vez, uma grandeza efêmera. Malgrado a sua conceitualização de textualização enquanto mediação, a autora diferencia esta

³ Para mais informações, consultar:
<http://insidemovementknowledge.net/context/background/capturing-intention/>.

da notação: enquanto a textualização tem o *status in vivo*, a notação é capaz de reconstruir *ex-post* a prática como uma totalidade, colocando em cena os acontecimentos sobressalentes, assim como a gramaticalização dos gestos e as trocas que ocorrem em uma prática em curso. A notação permite, então, a estabilização das práticas em um suporte; a partir de um objeto efêmero, como os gestos e ações, é gerado um objeto que permanece estabilizado ao longo do tempo em um determinado suporte, apresentando as características de durabilidade e estabilidade, necessárias para que um objeto semiótico possa ser analisado.

Pensando na questão da estabilização das práticas em um suporte, esse fenômeno pode ocorrer, em um primeiro momento, por meio de diferentes medias, por exemplo: a escrita, a gravação do áudio, o vídeo, a fotografia etc. Essas primeiras formas de estabilização são categorizadas por Dondero (2014) como uma proto-análise:

[...] a análise final deve, de fato, dar conta também do gesto mediático que selecionou uma certa apreensão da prática, sua especificidade, suas coerções tecnológicas, bem como as coerções ligadas ao ponto de vista” (p. 25, trad. nossa).⁴

Ao distinguir a notação da textualização, a semioticista (DONDERO, 2014, p. 25) argumenta que o registro em vídeo, a fotografia e a tomada de notas não são notações e, sim, textualizações, pois elas são bastante fidedignas à própria prática e à sua densidade fenomenológica. A notação, por sua vez, tem como principal característica a visualização do macro (do alto), de maneira que as ações possam ser observadas em sua totalidade e, então, cartografadas pelo analista. Já os gestos e suas durações, sucessões e relações são cartografados pela notação.

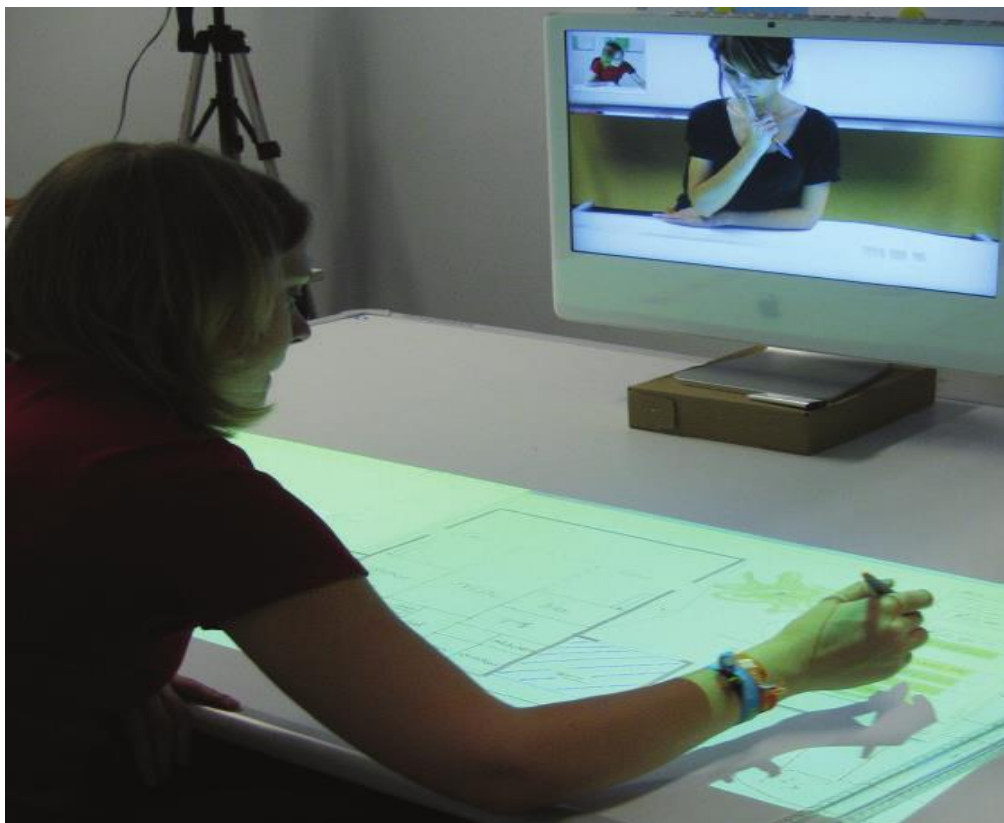
Enquanto o vídeo, por exemplo, pretende se passar como um testemunho do ato ao vivo, a notação tem como característica própria da sua linguagem constitutiva o *posteriori*. A semioticista afirma:

⁴ *l'analyse finale devrait en fait également reparcourir le geste médiatique qui a sélectionné une certaine saisie de la pratique, sa spécificité, ses contraintes technologiques ainsi que les contraintes liées au point de vue.*

A notação não pretende apresentar-se como um testemunho da prática, mas, ao contrário, como uma reconstrução da prática que recupera as homogeneidades e as heterogeneidades das configurações (DONDERO, 2014, p. 26, trad. nossa)⁵.

Como exemplo de *corpus*, a autora – junto com os pesquisadores do *ARC COMMON* – usou a prática de trabalho em equipe, no formato presencial e remoto, como objeto de análise. Trata-se de um estúdio digital colaborativo (*Studio Digital Collaboratif – SDC*) (ver Figura 1) que se utiliza de um escritório virtual para recriar as condições de copresença e comunicação entre os integrantes.

Figura 1: Estúdio digital colaborativo da Universidade de Liège.



Fonte: Dondero (2014, p. 33).

Além do modelo remoto, alguns participantes da prática também atuaram de maneira presencial e colaborativa. Tanto no formato remoto quanto no formato presencial, os participantes conversaram, produziram gestualidades,

⁵ *La notation ne vise pas à se présenter à l'instar d'un témoignage de la pratique mais bien au contraire comme une reconstruction de la pratique qui repère des homogénéités et des hétérogénéités parmi les configurations.*

tomaram notas, fizeram rabiscos e desenhos do projeto que estava sendo elaborado (ver Figura 2).

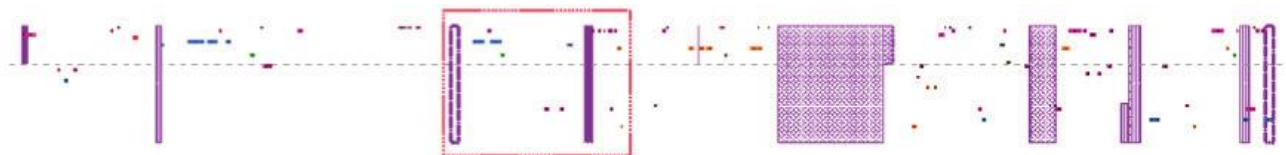
Figura 2: Reunião presencial do Estúdio Digital Colaborativo



Fonte: Dondero (2014, p. 39)

As reuniões foram gravadas e fotografadas; a partir dessas textualizações e de outras produzidas dentro da própria prática (os rabiscos, as notas, etc.), tornou exequível a criação de notações (ver Figura 3). O esquema das atividades é organizado de maneira vertical e horizontal: na vertical, tem-se a marca a posição dos interlocutores, sendo que a linha pontilhada demonstra a separação física dos interlocutores, enquanto na horizontal tem-se a linha do tempo. A reunião que teve duração total de 55 minutos foi enquadrada em 5 minutos para a realização da notação, privilegiando os gestos sobressalentes da cena.

Figura 3: Notação: visão do conjunto da reunião à distância

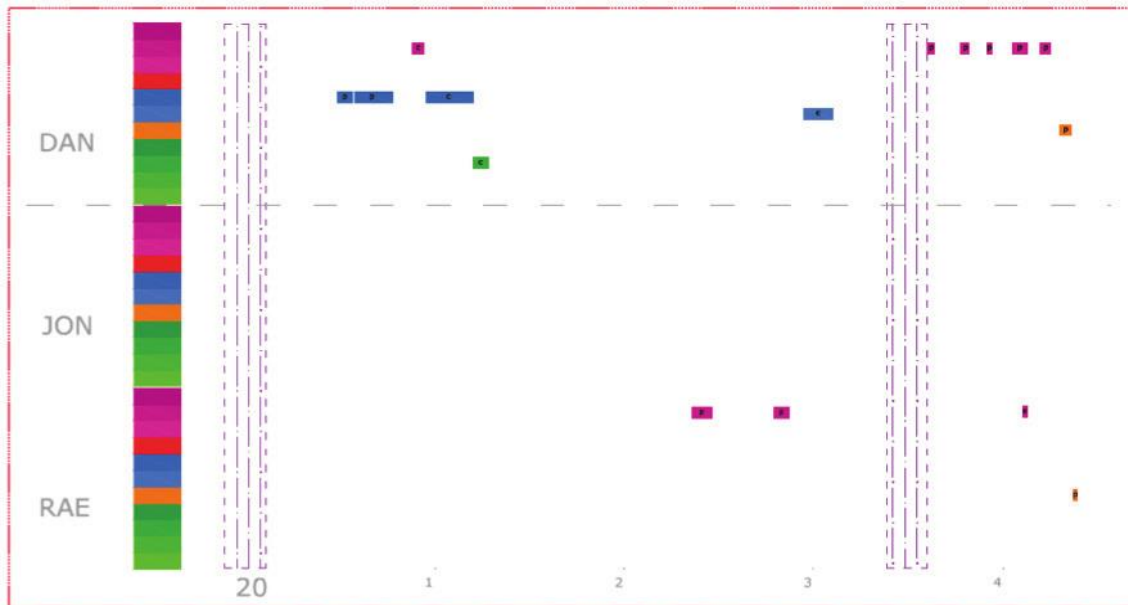


Fonte: Dondero (2014, p. 41)

Em outro formato de notação da prática, é possível recuperar a relação entre os sujeitos, o tempo, o espaço e os objetos (ver Figura 4); cada segmento

recebe uma cor de acordo com a tematização dos atos gestuais. De acordo com Dondero (2014, p. 42), o vermelho corresponde aos dêiticos (gestos de demonstração), o azul à figurativização de um objeto, o laranja ao movimento e o verde foi designado para as intervenções sobre as relações de escala, proporção e ponto de vista.

Figura 4: Distribuição das produções gráficas efetuadas pelos participantes



Fonte: Dondero (2014, p. 41).

No modelo elaborado pela semioticista, a prática em ato é o nível de saída (n); a fotografia, o vídeo, a gravação (oral ou vídeo) são textualizações (n+1) de um nível superior; já os desenhos e os rabiscos são maneiras de transformar as ações em textualizações (n-1), pois eles são produzidos no interior de uma prática e são estabilizados em um suporte (a mesa digital, por exemplo). Junto com as textualizações (n+1) da fotografia, da gravação e do vídeo, que filtram e organizam-nas em perspectiva, as textualizações do interior de uma prática (n-1) podem ser analisadas depois.

Sobre a condição das práticas, a autora observa que:

a prática em si é um acontecimento fugaz e irrepetível: tem um estatuto autônomo em relação às textualizações que produz (n-1) e que dela se produzem (n + 1): é uma

dinâmica de organização do sentido aberto, que os diferentes níveis de textualização permitem parcialmente enquadrar. (DONDERO, 2014, p. 35, trad. nossa).⁶

A partir dessa discussão, será possível, a seguir, pensar a notação semiótica com um dos tipos de textualização, colocando-a no âmbito mais geral do texto.

A notação semiótica como textualização

Diante do exposto, concordamos com Dondero (2014) sobre o uso da notação como uma maneira de observar as práticas; contudo, vemos a necessidade de discutir a classificação proposta pela semiotista, para quem a notação não é uma textualização; quando a autora coloca, de um lado, as textualizações e, de outro, a notação, enfatiza-se a notação como uma não-textualização de uma dada ação em curso. No entanto, se entendemos a textualização, como uma instância presente na geração textual, em seu sentido mais amplo, toda notação só pode ser, apesar das especificidades já mencionadas, um tipo de textualização.

Como discutimos em Moraes (2020), na geração de um texto-objeto, existem diferentes micropercursos (exemplos: a enunciação, o discurso, a semiose e a manifestação) que fazem com que uma grandeza outrora homogênea, ligada ao sistema, possa gerar objetos discretos, com substâncias diferentes. Tudo se passa como se houvesse um elemento no mundo natural não identificável e não pudéssemos, antecipadamente, afirmar se se trata de um objeto semiótico, pois essa confirmação só será possível após a instauração de uma análise. Quando ela entra em cena, um percurso textual ganha existência.

A partir disso, a instância textual reclama as linguagens e elementos do conteúdo para que a instância da textualização faça as escolhas necessárias. Os micropercursos do discurso e da enunciação agem para instaurar elementos do conteúdo: um ponto de vista, um sujeito, um espaço, um tempo, além dos conteúdos históricos, ideológicos, contextuais, pragmáticos, etc. Na instância da

⁶ *la pratique en elle-même est un événement fuyant et non-répétable : elle possède un statut autonome par rapport aux textualisations qu'elle produit (n-1) et qui sont produites à partir d'elle (n+1) : elle est une dynamique d'organisation du sens ouverte, que les différents niveaux de textualisation permettent partiellement d'encadrer.*

textualização, o elemento, agora, parcialmente identificável, receberá uma (ou mais) linguagem(ns) nos micropercursos da semiose e da manifestação. O elemento poderá ser, por exemplo, textualizado como uma canção infantil ou uma pintura abstrata. Ao final dessa etapa, o elemento é, então, manifestado e passa a ser um objeto semiótico, ou seja, um texto-objeto.

Com esse resumo de um percurso textual, procuramos evidenciar como todos os objetos semióticos são gerados dentro de uma instância textual mais geral. Tendo isso em vista, colocar a notação para fora da textualização é retirá-la do âmbito textual, como se fosse possível ter uma dada representação gráfica (de símbolos e desenhos, por exemplo) que não fosse, ela por si só, um texto – este entendido como sinônimo de objeto semiótico. Sabemos, como definiram Greimas e Courtés (2008 [1979], p. 140), que o texto é uma “sintagmática cujas cadeias, se forem ampliadas indefinidamente, são manifestadas por todos os sentidos”. Ou seja, o texto é, assim, um “eixo sintagmático”, de todas as semióticas diferentes, não se limitando a um ou outro objeto semiótico manifestado.

Diante dessa discussão, sentimo-nos em posição confortável para pensar de maneira diferente da autora; para nós, a notação é um tipo de textualização, cuja produção não é instantânea - ela atua de diferente maneira, por exemplo, da fotografia. Na notação, a reconstrução é um “*ex-post*” da totalidade da prática, colocando em evidência a construção da metassemiótica do ato pela observação, uma vez que o próprio ato de observar permite a construção de uma gramática interna para as práticas. O seu uso privilegia uma elaboração gráfica das relações estabelecidas entre os sujeitos, os objetos e o espaço-tempo, evidenciando, por isso, o ritmo e as cadências gestuais resultadas das homogeneidades e das heterogeneidades de uma dada ação, ao passo em que fornece uma gramaticalização da prática.

Ao postular um observador, a notação salienta a questão do ponto de vista. Se pensarmos, por exemplo, na observação da prática de cozinhar dos *chefs* italianos, quais elementos devem sobressair? Quais deles devem ser notados? Ou, então, o que deve ser observado? A questão do ponto de vista requer, portanto, no nível metodológico, a descrição pormenorizada das

escolhas e métodos usados pelo semiótico-analista; explicitando, por exemplo, os critérios de seleção e de registro das práticas, as ferramentas de mediação, textualização que foram usadas (fotografia, vídeo, notação, tomada de notas etc.). Essa descrição deve ser tão exaustiva quanto possível para que o método utilizado possa ser reproduzido e sua eficácia e coerência sejam testadas com outras práticas, visto que o objeto semiótico observado é efêmero e construído *ao vivo*, o que impossibilita a sua observação por outros semióticos.

O uso de diversas textualizações torna factível uma melhor preservação de vários aspectos de uma cena em um suporte material, sem que se dependa da memória, ou, melhor dizendo, dos vestígios memoriais efêmeros, do observador. Assim, o uso de diferentes textualizações permite uma visão mais diversificada nos níveis micro e macro da prática, mantendo a característica própria do ser do “ato”, ou seja, as especificidades produzidas por um dado objeto em curso durante a análise.

Essa sensação de uma enunciação em ato é construída graças às traduções e sobreposições mutuais das textualizações que “imitam” a multiplicidade, os cruzamentos e a efervescência dos pontos de vistas que caracterizam a prática (ANGENOT *et al*, 2013, p. 564). Cada uma dessas textualizações salienta diferentes aspectos da prática; elas resultam em segmentações e valorações múltiplas que se somam no processo da análise.

Conclusão (ou algumas palavras a mais)

Se nas discussões mais atuais da semiótica, muitas vezes, os estudos das experiências humanas individuais ou coletivas têm colocado em xeque a esfera textual como sinônimo de objeto semiótico, a partir de uma visada que compreende o texto em seu sentido mais amplo e, conseqüentemente, a textualização como um micropercurso geral – o próprio fazer do objeto semiótico, responsável por desencadear diferentes textualidades, temos recursos suficientes para conceber a notação como tão somente um dos tipos possíveis de textualização, sem a necessidade de alocá-la para fora do âmbito textual.

Nosso gesto teórico coloca em evidência o caráter textual das práticas e de outros objetos semióticos não (ou menos) estabilizados em um suporte.

Neste trabalho, o nosso objetivo, bastante modesto, foi apresentar uma possibilidade metodológica para a análise de práticas semióticas, considerando-as como objetos textuais. Acreditamos que o refinamento desse e de outros métodos para análise de objetos que estão sendo constituídos “ao vivo” ainda precisa ser trilhado pela disciplina nos próximos anos. Cientes dessa limitação, procuramos somente demonstrar a possibilidade de uma gramaticalização dos gestos e o papel preponderante da textualização nos estudos das ações.

Referências

ANGENOT, Valérie *et al.* Sémiotique de la communication en coprésence et à distance. Du textualisme à la sémiotique des pratiques. *Interfaces numériques*, v. 2, n. 3, p. 531-567, 2013.

BASSO FOSSALI, Pierluigi. Testo, pratiche e teoria della società. *Semiotiche*, 4, Turin: Ananke, p. 209-239, 2006.

BASSO FOSSALI, Pierluigi; DONDERO, Maria Giulia. *Semiotica della fotografia*. Investigazioni teoriche e pratiche d'analisi. Rimini: Guaraldi, 2007.

CAMURRI, Antonio, MORASSO, P., TAGLIASCO, V., ZACCARIA, R. Dance and Movement Notation. In: MORASSO, P. TAGLIASCO, V. (eds). *Human Movement Understanding: From Computational Geometry to Artificial Intelligence*. Amsterdam: Elsevier, 1986, p. 83-124.

DONDERO, Maria Giulia. Sémiotique de l'action: textualisation et notation. *Cadernos de Semiótica Aplicada*, 2014, n. 1, vol. 12, p. 15-47. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/7117>>. Acesso em 20 dez. 2018.

DONDERO, Maria Giulia. Semiótica de la acción: textualización y notación. FOSSALI, Pierluigi Basso *et al.* (Org.). Dossiê “La inmanencia en cuestión III”. *Tópicos del seminario*, v. 33, jan.- jun., 2015, p. 101 – 130.

DONDERO, Maria Giulia. The semiotics of design in media visualization: Mereology and observation strategies. *Information Design Journal*, v. 23, n. 2, p. 208-218, 2017.

FLOCH, Jean-Marie. *Sémiotique, marketing et communication*. Sous les signes, les stratégies. Paris: PUF, 1990.

FONTANILLE, Jacques. *Pratiques sémiotiques*. Paris: PUF, 2008.

FONTANILLE, Jacques. L'analyse du cours d'action: des pratiques et des corps. *Nouveaux Actes Sémiotiques*, Limoges, n. 114, 2011. Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/1413>. Acesso em: 16 jan. 2019.

MORAES, Letícia. A noção de texto na semiótica: do texto-absoluto ao texto-objeto. *Estudos Semióticos, [S. l.]*, v. 16, n. 3, p. 233-250, 2020. DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2020.162157. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/162157>. Acesso em: 10 abr. 2021.

VIOLLI, Patrizia. Corporeità e sostanza vocale nell'enunciazione in atto. *Versus – Quaderni di studi semiotici*, n. 106, Milano, Bompiani, p. 105-120, 2008.